

A DUBIEDADE DA PROTAGONISTA EM *JANE EYRE*, DE CHARLOTTE BRONTË

Elis Regina Fernandes Alves

Resumo: Este artigo aborda a evolução da mulher na sociedade, desde o começo do movimento feminista até os dias atuais, com foco no feminismo literário. A análise está voltada para a obra *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, com enfoque na protagonista Jane Eyre, com o objetivo de analisar o retrato da personagem como objeto e/ou sujeito dentro do contexto patriarcal da primeira metade do século XIX na Inglaterra, mostrando sobretudo a auto-afirmação dessa mulher. Utilizam-se teorias em autores como Beauvoir (1980), Alves e Pitanguy (1985), Michel (1982), Woolf (2000), Zolin (2003), Bonnici (2007), entre outros. Conclui-se que a personagem Jane Eyre se coloca na condição de uma mulher ora objeto ora sujeito, oscilando entre duas fases do feminismo, mostrando-se tanto submissa como independente.

Palavras-Chave: Mulher, Literatura, Feminismo, *Jane Eyre*, Charlotte Brontë

Abstract: This paper approaches the evolution of woman in society, from the beginning of the feminist movement to nowadays, focusing the literary feminism. The analysis is focused on Charlotte Brontë's *Jane Eyre*, with the focus on the main character Jane Eyre, aiming to analyze the portrait of this character as object and/or subject inside the patriarchal context of the first half of the 19th century in England, showing especially the self-affirmation of this woman. We use theories of authors such as Beauvoir (1980), Alves and Pitanguy (1985), Michel (1982), Woolf (2000), Zolin (2003), Bonnici (2007), among others. We conclude that the character Jane Eyre is sometimes an object and sometimes a subject, oscillating between two phases of the feminism, being both submissive as independent.

Key-words: Woman, Literature, Feminism, *Jane Eyre*, Charlotte Brontë

Introdução

O feminismo trata da temática da independência da mulher e a sua busca pela igualdade, deixando para trás a tradição de silêncio a que era submetida, e tornando-se sujeito por meio do surgimento de diversos movimentos de reivindicação de seus direitos. Dentro da literatura, como não era diferente, a mulher sempre foi muito discriminada e considerada como inferior, seja como escritora, seja como personagem, sendo enquadrada dentro de algum tipo de estereótipo. Como autora, a mulher escondia-se atrás de pseudônimos

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

masculinos, pois era impedida de escrever com sua própria identidade, e como personagem, durante séculos, sua figura era vista apenas como um objeto fácil de ser moldado e enquadrado dentro de todos os padrões impostos pela sociedade. Mas, com o passar do tempo, as mulheres conquistaram seu espaço dentro da literatura, com isso, o feminismo literário mostra o quão importante foi e é a contribuição da mulher dentro do campo da literatura, pois, com o passar dos anos, ela firmou-se através de sua escrita e de suas excelentes produções.

A obra *Jane Eyre* (1847) de Charlotte Brontë mostra a protagonista (que dá nome ao livro) como uma mulher que luta para consolidar-se como pessoa atuante em uma sociedade onde o principal papel da mulher era de ser esposa e mãe. Através dessa narradora, o leitor fica sabendo dos seus sonhos, dúvidas, ilusões e lutas dentro dessa sociedade estritamente fechada em suas regras.

Assim, considerando a aplicação da teoria feminista nesta obra de autoria feminina, o objetivo deste trabalho é analisar o retrato da personagem Jane Eyre como objeto e/ou sujeito dentro do contexto patriarcal da primeira metade do século XIX na Inglaterra, considerando nesse processo as atitudes da personagem em relação à liberdade, independência e a igualdade diante dos homens. Dessa forma, é importante evidenciar o tema da mulher como objeto e sujeito para mostrar os fatores e elementos que contribuíram na construção da identidade dessa personagem ao longo do romance, e para enfatizar a emancipação feminina nas atitudes e pensamentos dessa personagem.

A análise está apoiada no feminismo, em específico no feminismo literário, para compreender os aspectos sociais da trajetória da mulher em sua luta para conseguir espaço tanto na sociedade como na literatura. Com isso, a obra de Simone de Beauvoir (1980), bem como as contribuições de Virginia Woolf (2000), Alves e Pitanguy (1985), Bonnici (2007) e Zolin (2003), entre outros teóricos, possibilitaram compor um referencial teórico para fortalecer a temática apresentada.

1. Feminismo e a Literatura

Desde os primórdios, as mulheres possuíam um lugar de inferioridade ao dos homens, sendo excluídas, por exemplo, das expedições guerreiras por serem consideradas fracas e frágeis (BEAUVOIR, 1980a). O mundo sempre pertenceu ao homem, e este teve a

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

vantagem de dominar e se manter à frente das mulheres (BEAUVOIR, 1980a). A partir disso, os homens firmaram-se no mundo como seres soberanos, ao contrário das mulheres, que foram colocadas como desempenhadoras do papel do Outro, sendo tratadas como inferiores. Em *O Segundo sexo*, Beauvoir diz que a desvalorização da mulher foi uma etapa necessária na história da humanidade, pois é a partir de sua fraqueza que ela fica conhecida nas sociedades (BEAUVOIR, 1980a).

Durante muito tempo, as mulheres tiveram suas ocupações limitadas, e sua função primordial era a reprodução da espécie humana (ALVES; PITANGUY, 1985). No século XVI, as mulheres ainda são alijadas da instrução formal, ainda estavam restritas a aprender apenas os trabalhos domésticos. Ao se casar, a mulher tinha como dever obedecer ao marido, tornando-se uma incapaz, pois tudo o que fizesse deveria estar de comum acordo com o seu marido, caso contrário, tanto o esposo, quanto a justiça anulariam seus atos (MICHEL, 1982).

Chegando ao século XVII percebe-se certa luta pela liberdade de expressão e de direitos iguais por parte das mulheres, são as primeiras vozes femininas que traziam como ideias centrais a insubordinação e as mudanças concretas na organização social (ALVES; PITANGUY, 1985), mas as ideias de igualdade foram consideradas intoleráveis. A partir do século XVIII aumentam-se um pouco a independência e a liberdade das mulheres, mas os costumes patriarcais ainda continuam rígidos, e às mulheres é dada apenas uma educação básica, após isso, ou casam-se ou são levadas para um convento (BEAUVOIR, 1980a). Contudo, as mulheres deste século começam a rejeitar o seu enclausuramento, isto é, não aceitavam a limitação de seus papéis, e insubordinações começam a ocorrer tanto nas classes baixas, como nas classes dominantes.

O século XIX é marcado pela consolidação do sistema capitalista que passa a refletir seus resultados na vida das mulheres e pela luta por melhores condições. É um período de grande demanda de mão-de-obra, ocorrendo um grande desenvolvimento tecnológico e a construção de fábricas, com isso, o trabalho não-remunerado da mulher feito à domicílio sofre uma grande queda, pois esses trabalhos feitos em casa passam a ser executadas nas fábricas (ALVES; PITANGUY, 1985). É no final deste século que as mulheres passam a ter acesso, ainda bastante restrito, a todos os níveis da educação, inclusive nas

universidades, mesmo ocorrendo bastante resistência por parte dos homens (MICHEL, 1982).

A mulher entre o final do século XIX e início do século XX, de certa maneira, ainda ocupava em vários segmentos um lugar de inferioridade aos homens, ocupando somente a posição de esposa e mãe, sem muitas chances de desenvolver sua vida profissional. Segundo Virginia Woolf, em *A room of one's own*, de 1928, as principais ocupações oferecidas às mulheres antes de 1928 envolviam leituras para senhoras idosas, confecção de flores artificiais, ensino do alfabeto para as crianças do jardim de infância, entre outros. Grandes problemas foram enfrentados pelas mulheres durante os séculos XIX e XX. Com a superexploração da mão de obra e os baixos salários, as mulheres que passaram a trabalhar fora de casa sofriam com essa situação. Vemos essa realidade na seguinte citação:

Compartindo com o homem as terríveis condições de trabalho vigentes naquele período, como jornadas de 14, 16 e até 18 horas, as mulheres (assim como os menores) sofrem ainda uma superexploração advinda das diferenças salariais. (...) A justificativa ideológica para esta superexploração era de que as mulheres necessitavam menos trabalho e menos salários do que os homens porque, supostamente, tinham ou deveriam ter quem as sustentasse (ALVES; PITANGUY, 1985, p.38).

Percebe-se a visão fechada e equivocada feita pelos sindicatos masculinos, e por grande parte da própria sociedade em relação à mulher e ao trabalho. A contradição deste pensamento é evidente, pois no início do século XX, após a primeira guerra mundial, o desemprego é comum em todo o globo e muitas mulheres eram obrigadas a se prostituírem, pois contavam apenas com elas mesmas, sem ter alguém para sustentá-las. (MICHEL, 1982).

Diante deste contexto, no século XX, grande parte das mulheres ainda estavam presas a uma vida estática em função da casa, limitadas apenas às panelas, agulhas, lençóis e ao leite materno: “o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa; ela não poderia entrar em concorrência com o homem.” (BEAUVOIR, 1980a, p. 144). Sua principal função continuava a de ser mãe e esposa, mantendo-se confinada à família, e vivendo em uma sociedade patriarcal, sendo tida como um ser passivo que deve obedecer às normas da sociedade e principalmente aos princípios do pai. As mulheres casadas estavam destinadas, além de cuidar da casa, cuidar de sua aparência, isto é, o ato de se

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

embelezar é um trabalho direcionado especialmente para elas: “cuidar de sua beleza, arranjar-se, é uma espécie de trabalho que lhe permite apropriar-se de sua pessoa como se apropria do lar pelo seu trabalho caseiro.” (BEAUVOIR, 1980b, p. 296).

O movimento feminista, propriamente dito, surgiu na França, na primeira metade do século XIX, mas ganhou força nos Estados Unidos na segunda metade de 1960. Esse momento é marcado também por discursos filosóficos, intelectuais e políticos, em que se defendia a luta pela igualdade de direitos entre mulheres e homens:

Reivindicam, assim, a mudança da legislação sobre o casamento que, outorgando ao marido direitos absolutos sobre o corpo e os bens de sua mulher, aparecem-lhes como uma forma de despotismo incompatível com os princípios da Revolução Francesa (ALVES; PITANGUY, 1985, p.32).

Suas reivindicações aos poucos começam a serem atendidas, e a construção de sua autonomia mostra o quanto as mulheres foram capazes de alcançar os objetivos pautados, tanto na possibilidade de receber educação, quanto ao produzir conhecimento, mas, as maiores conquistas destas mulheres referem-se ao campo da política e do sexo. Um fato que obteve muita repercussão foi a longa luta pelo direito ao voto conquistado por elas que exigiu paciência e organização. O movimento sufragista, como ficou conhecida a luta pelo direito ao voto feminino, ocorreu em várias partes do mundo, cada um com sua especificidade, mobilizando 2 milhões de mulheres, por isso é tido como um dos maiores movimentos de massa e significado no século XX.

Durante muito tempo as mulheres eram proibidas de divorciarem-se pelo fato de todos os costumes e crenças religiosos estarem envolvidos dentro desta questão, mas o surgimento dos movimentos feministas em todo o mundo e as novas ideias e propostas que surgiam fizeram com que muitas mulheres mudassem de certa forma o pensamento em relação ao casamento, e houve diversas modificações nas leis. Durante o século XIX o divórcio passa por várias fases apresentadas através das leis que eram criadas ao longo de muitos anos, mas é apenas em 1942 que houve modificação e aprovação no estatuto da mulher casada nos Estados Unidos, por exemplo (BEAUVOIR, 1980a).

Zolin cria uma definição importante do que seria o feminismo nos últimos dois ou três séculos, definição que traz de forma resumida esse relevante movimento ocorrido em todo o mundo. Vemos que esta corrente

Trata-se de um movimento político bastante amplo que, alicerçado na crença de que, consciente e coletivamente, as mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social, abarca desde reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função igual etc, até uma teoria feminista acadêmica, voltada para reformas relacionadas ao modo de ler o texto literário (ZOLIN, 2003, p.163).

Deste modo, entende- o feminismo como um movimento amplo, que se estende a vários campos, sendo que aqui importa-nos mais o movimento feminista literário, que trouxe consigo um espaço de oportunidades para a mulher no âmbito literário, mostrando a capacidade que esta possui em ser escritora e, a partir disso, a mulher pôde assumir sua identidade e não mais precisava se esconder atrás de pseudônimos masculinos.

Segundo Bonnici (2007, p. 49), “a finalidade da crítica literária e da leitura feministas é focalizar a constituição do estilo, da imagística e das características do patriarcalismo numa determinada obra.”, isto é, o feminismo literário busca focalizar esses elementos dentro da obra de ficção, objetivando fazer uma desconstrução do patriarcalismo. Desde a década de 1960, a mulher vem ganhando espaço no campo de estudos nas diversas áreas do conhecimento e na literatura buscou-se analisar a mulher tanto como leitora quanto escritora, mostrando as diferenças entre as experiências das mulheres e dos homens (ZOLIN, 2003). Mas o surgimento propriamente dito da crítica literária feminista ocorreu nos Estados Unidos por volta de 1970, com a publicação da tese de doutorado de Kate Millet intitulada “Sexual Politics”, que trouxe mudanças no campo intelectual referentes às diferenças existentes entre o pensamento e a experiência da mulher como leitora e escritora comparadas aos dos homens (ZOLIN, 2003a).

Para Zolin (2003a, p. 162), “a crítica feminista trabalha no sentido de desconstruir a oposição homem/mulher e as demais oposições associadas a esta, numa espécie de versão do pós-estruturalismo.”, pode-se dizer que este é o principal objetivo de estudo do feminismo literário, pois busca igualar o ser feminino ao ser masculino, desconstruindo toda a visão fechada em relação à mulher como um ser independente, abrindo caminhos para elas em vários campos, principalmente no da literatura, mostrando que as mulheres possuem a capacidade de produzirem boas obras na esfera da literatura tanto quanto os homens. Assim, busca-se desconstruir as ideias das obras masculinas que

tradicionalmente retratavam a mulher como um ser emudecido, sempre ocupando um lugar secundário ao homem.

O Feminismo Literário tem duas grandes expoentes na primeira metade do século XX. Primeiramente temos a escritora e ensaísta Virgínia Woolf que foi responsável pela quebra do formalismo tradicional e pelo uso e difusão de técnicas narrativas inovadoras (como o fluxo de consciência e o monólogo interior). Visando um novo olhar ao tema “mulher e literatura”, ela escreveu diversos ensaios em relação à escrita da mulher, com isso é considerada uma das precursoras da crítica feminista (ZOLIN, 2003a). Seu principal ensaio, publicado em 1929, intitulado “A Room of One’s Own”, que foi traduzido para o português como “Um teto todo seu”, traz a ideia do “modo como as circunstâncias atuam sobre o trabalho da mulher escritora e questões relativas à sua sujeição intelectual” (ZOLIN, 2003a, p. 166).

A ideia central em “A Room of One’s Own” é a de que a mulher deve ter seu próprio espaço e sua própria renda financeira para poder escrever poesia e ficção: “A woman must have money and room of her own if she is to write fiction;”¹ (WOOLF, 2000, p. 6). Essa era uma realidade longe da vida da maioria das mulheres, pelo fato das condições a que eram submetidas não contribuírem para tal proeza, primeiramente porque existia a questão da cultura da mulher e sua função na sociedade, isto é, sua educação era limitada, eram destinadas ao casamento, não possuíam renda suficiente para poder mantê-las a uma vida independente.

Segundo Woolf são vários os fatores que contribuem para a escassez da mulher escritora durante os séculos passados, ela diz que para uma mulher escrever um romance era necessário possuir seu próprio espaço, mas isso só seria possível se os pais da jovem fossem ricos, caso contrário “If a woman wrote, she would have to write in the common sitting-room.”² (WOOLF, 2000, p. 67), pois as condições “pobres” da moça mal serviam para a compra de suas roupas.

Em seu ensaio, Woolf questiona certas diferenças existentes entre homens e mulheres, ela lança perguntas e vai em busca de respostas para tais diferenças. Em relação à mulher como personagem, Woolf diz que é diferente da realidade, muitos escritores criavam

¹ Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu para ela escrever ficção;

² “Se uma mulher escrevesse, teria de escrever na sala de estar comum.”

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

personagens fortes e independentes até certo ponto, mas que na vida real suas características eram muito diferentes. Woolf conclui seu ensaio chegando a uma resposta acerca do tema “mulher e ficção”, reunindo até o último capítulo ideias e fatos enfrentados pelas mulheres, dizendo:

[...] Women and Fiction, is that it is fatal for anyone who writes to think of their sex. It is fatal to be a man or woman pure and simple; one must be woman-manly or man-womanly. It is fatal for a woman to lay the least stress on any grievance; to plead even with justice any cause; in any way to speak consciously as a woman.” (WOOLF, 2000, p. 102-103).³

Esse ser masculinamente feminina ou femininamente masculino traz consigo a ideia de manter a igualdade entre os sexos, com os mesmos direitos na escrita, mas para isso, é preciso que os dois lados assumam duplamente esse ser, para não haver visão fechada e preconceito em relação à escrita e aos personagens propostos pelo(a) autor(a).

Outra escritora que contribuiu para a criação do feminismo literário e que ganhou destaque em meados do século XX foi Simone de Beauvoir. Em seu livro *Le deuxième sexe* (1949), traduzido e publicado em português como *O Segundo Sexo* (1980), Beauvoir utiliza a perspectiva existencialista para discutir a situação da mulher, e mostra que essa é sempre tratada como escrava, isto é, o outro, e o homem sempre como senhor, este é o modo como Beauvoir encara ambos os sexos (ZOLIN, 2003a). Beauvoir faz em um dos seus ensaios, um apanhado geral da mulher desde os primeiros séculos até o século XX, questionando os motivos que levavam as mulheres a serem oprimidas e consideradas subordinadas aos homens, como por exemplo, através da maternidade que é uma função natural da mulher, acarretando em sua “passividade”, ou seja, no seu destino de mulher, com isso:

Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. [...] Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino (BEAUVOIR, 1980a, p. 97).

³ “[...] As mulheres e a ficção, é que é fatal, para quem quer que escreva, pensar em seu sexo. É fatal ser um homem ou uma mulher, pura e simplesmente; é preciso ser masculinamente feminina ou femininamente masculino. É fatal para uma mulher colocar a mínima ênfase em qualquer ressentimento; advogar, mesmo com justiça, qualquer causa; de qualquer modo, fala conscientemente como mulher.”

Esse feminismo existencialista de Beauvoir tanto oferece um estudo da opressão das mulheres, quanto sugere formas de emancipá-las dessa opressão (ZOLIN, 2003a). Além disso, a escritora ainda crítica a representação da mulher nos escritos masculinos, pois as obras apresentavam a mulher numa condição inferior, submissa e apagada.

A obra *Sexual Politics* de Kate Millet, publicada em 1970, é o marco inicial da crítica feminista literária sistematizada, trazendo “discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias.” (ZOLIN, 2003a, p.169). Em sua análise, Millet afirma que a mulher ainda vive em um sistema patriarcal, isto é, dominada pelo pai/homem, e que em qualquer lugar na sociedade a mulher é tratada como subordinada e oprimida ao homem vivendo sempre escondida atrás deles.

1.1. Fases do Feminismo

O movimento feminista aborda três principais fases que representam uma forma de classificação das obras escritas por mulheres. A ensaísta Showalter (1985) organiza as fases da tradição literária de autoria feminina, para ela, a mulher escritora foi capaz de construir sua própria literatura dentro da sociedade patriarcal, mostrando sua capacidade dentro desse espaço limitado. Showalter classifica as três fases como: feminina, feminista e fêmea (ZOLIN, 2003b).

A chamada primeira fase feminina tem como classificação, a fase de “imitação e internalização dos valores e padrões vigentes” (ZOLIN, 2003b, p. 256), isto é, a literatura foi produzida entre o período de 1840 e 1880 e era um período em que as repetições dos modelos patriarcais e a tradição ainda predominavam na escrita, como por exemplo, o desejo de se casar que ainda permanecia nesse período. Nessa fase as mulheres começam a escrever mais e a serem protagonistas nas histórias, mesmo ocorrendo certa imitação na escrita dos padrões masculinos.

Logo após surge a fase feminista, datada de 1880 a 1920, vem com uma ideia contra a primeira fase, lutando contra todos os padrões e valores que a sociedade impõe sobre as pessoas, sendo considerado como uma forma de protesto em defesa dos direitos das pessoas. (ZOLIN, 2003b). A mulher, neste caso, não deseja mais ser secundária, começa a retratar ela como um ser mais moderno, que busca fugir dos padrões masculinos.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

Por último, é criada a fase fêmea, que começou em 1920 e que se estende até os dias atuais, e tem como foco principal a autodescoberta e a busca de identidade própria (ZOLIN, 2003b). Aqui, a mulher não deseja se firmar dentro de uma sociedade machista, mas sim, deseja conhecer a si própria, entender-se, independente de homens e de filhos. É interessante notar que essas fases não são exclusivamente separadas, pelo contrário, por falta de rigidez elas misturam-se, com isso, pode-se observar que muitas escritoras optaram por juntar e misturar essas três fases em apenas uma obra. Dentro das fases do feminismo analisa-se a condição da mulher como personagem nas obras de escritoras femininas, buscando classificá-las quanto ao nível de independência, com isso, vemos uma distinção entre cada personagem mulher, colocando-a como mulher *objeto* e *sujeito*, esses dois elementos são fundamentais para uma análise mais profunda de cada personagem.

Beauvoir (1980) desempenha em seu ensaio *O Segundo sexo* uma análise sobre os dois papéis (objeto-sujeito) desempenhados pelas mulheres, para ela:

[...] à mulher, para que realize sua feminilidade, pede-se que se faça objeto e presa, isto é, que renuncie a suas reivindicações de sujeito soberano. É esse conflito que caracteriza singularmente a situação da mulher libertada. Ela se recusa a confirmar-se em seu papel de fêmea porque não quer mutilar-se, mas repudiar o sexo seria também uma mutilação (BEAUVOIR, 1980b, p. 452).

Ou seja, a mulher considerada um *objeto* é aquela que é presa aos padrões da sociedade, submissas e são vítimas da sua própria natureza, “escrava da espécie” (BEAUVOIR, 1980b, p. 459), sendo apenas um elemento sem importância dentro desse núcleo, privando-se do mundo e aceitando a passividade. Ao contrário, a mulher que assume o papel de *sujeito* busca a sua independência dentro e fora de casa, visando direitos que a tornem autora de suas próprias escolhas (muitas vezes misturam-se esses dois elementos em uma única personagem.). Um elemento que contribuiu em grande escala para essa maior libertação das mulheres dos padrões sociais foi a conquista do direito ao trabalho, que fez com que elas se igulassem a certo ponto aos homens, concretizando assim, sua autoafirmação. Um fator importante para assumir o papel de sujeito e deixar para trás o de objeto, é a mulher reverter os papéis “ao recusar os desmandos que lhe são impostos

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

pelo homem, ela se torna sujeito e o opressor torna-se a “coisa” (ZOLIN, 2003a, p. 168), se impondo e sendo insubordinada.

Através das obras literárias em que a mulher se desempenha como objeto e/ou sujeito, surgem o uso de estereótipos sob a mulher. Segundo Bonnici (2007) estereótipos são conceitos, opiniões e crenças convencionais, geralmente muito simplificadas, que supostamente tipificam e se conformam a um modelo invariável e carente de qualquer individualidade.

Através da busca de respostas referentes à mulher como um personagem em obras literárias, Millet, mostra a representação da mulher dentro do cânone literário masculino, questionando essa representação da figura feminina por estar apenas ligada as “repetições de estereótipos culturais” (ZOLIN, 2003a, p.170), como por exemplo, o da mulher anjo e demônio, indefesa e incapaz, perigosa, megera. Normalmente esses estereótipos de personagens presentes na literatura são escritos por homens, que fazem um julgamento que está explícito na sociedade.

Assim, vemos que “o sistema patriarcal fabricou a mulher ideal, que Woolf (1979) chama “o anjo do lar”: ela é simpática, altruísta, passiva, subordinada, silenciosa, casta, obediente, fiel.” (BONNICI, 2007, p. 22), ou seja, a mulher foi criada em um patriarcalismo que as concebiam como obedientes e inferiores, tornando-as assim, seres perfeitos.

2. *Jane Eyre* sob o olhar do feminismo

Jane Eyre é o segundo romance escrito pela inglesa Charlotte Brontë, publicado em 1847. Charlotte Brontë, que escrevia inicialmente sob o pseudônimo de Currer Bell, faleceu ainda jovem, quase chegou aos quarenta anos, vivendo isolada em um universo relativamente restrito. Escreveu quatro livros, *The professor* (1846), *Villete* (1853), *Shirley* (1849), mas foi com o romance *Jane Eyre* que Charlotte foi reconhecida como uma grande escritora.

Na obra *Jane Eyre*, Charlotte Brontë narra a história de uma menina órfã que após a morte de seus pais vai morar com a família do seu tio que ao morrer deixou-a sob os cuidados de sua mulher, senhora Reed. Jane é infeliz, pois é odiada e maltratada por sua tia e pelos primos. Ainda criança, é mandada para um colégio (uma espécie de orfanato), onde ela

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

fica oito anos, sendo seis anos como estudante e dois como professora. Durante esse tempo, Jane aprende o suficiente para tornar-se professora. Ao buscar por uma nova vida, Jane consegue um emprego na residência de Mr. Rochester, um homem rico, em Thornfield Hall, e acaba se apaixonando por ele.

Na casa de Mr. Rochester há algo estranho que deixa Jane intrigada, mas levada pelo sentimento do amor que nunca havia experimentado na vida, acaba conquistando Mr. Rochester. Ambos se apaixonam e, no dia do casamento, ela descobre que ele já era casado e que sua mulher vivia trancada na casa, por apresentar problemas mentais. Jane foge da mansão e de Mr. Rochester, fazendo a história tomar outro rumo. Uma família, que até certo momento não sabia que Jane era sua parente distante, a acolhe e logo em seguida seu tio lhe deixa uma herança, tornando-a uma mulher rica. Após um ano sem saber de Mr. Rochester, ela decide ir atrás dele e descobre que ele ficou cego através do fogo, pois a casa onde ele morava foi incendiada por sua esposa, que faleceu nesse mesmo dia. Por fim Jane o aceita e se casa com ele.

A obra *Jane Eyre* foi escrita por uma mulher, que cria uma personagem protagonista e a primeira heroína “feia” da ficção. Este personagem feminino foge à regra do estereótipo submisso, mudo e sem valor. A autora consegue mostrar uma mulher que busca sua independência, descrevendo essa personagem com características que se enquadram dentro do movimento feminista, isto é, mostrando que Jane é uma mulher forte e que não se submete a tudo e a todos. Charlotte Brontë explana muito bem esse fato no capítulo XII de sua obra, através da protagonista Jane Eyre:

Têm-se as mulheres como entes passivos; e elas, todavia, sentem tanto quanto os homens. Tanto quanto os seus irmãos, necessitam de campo onde exercitam as suas faculdades. As mulheres penam nos constrangimentos exagerados, na inércia absoluta, precisamente como os homens sofreriam nas mesmas condições. E é pobreza de espírito dos seus privilegiados companheiros dizer que elas devem limitar-se a fazer pudins, cerzir meias, tocar piano e bordar almofadas. Condená-las, ou ridicularizá-las se agem ou aprendem mais do que o preconceito permite ao sexo — constitui uma insensatez. (BRONTË, [s.d.], p. 78).

O trecho acima citado evidencia prenúncios do movimento feminista. No pensamento da protagonista, vemos que há uma crítica ao papel social destinado à mulher

e que tal papel, inferior, é “pobreza de espírito” e “insensatez”. Maltratada pela família, Jane passae para refletir o motivo de todo o sofrimento e injustiça que lhe eram causadas:

[...] Por que vivia eu sempre sofrendo, sempre de cabeça partida, sempre acusada, condenada sempre? Por que não conseguia agradar? Qual a razão daquela incapacidade de alcançar as boas graças de alguém? Elisa, que era teimosa e egoísta, merecia respeito. Georgina, de gênio mau, acre, irritada, capciosa e insolente, desfrutava de um perdão universal. [...] John, também não refreado, e muito menos repreendido: torcia o pescoço dos pombos, matava os pintinhos [...] — Injustiça! — clamava o meu raciocínio, tangido no agoniado impulso de um precoce poder de análise. [...] (BRONTË, [s.d.], pp. 14-15).

Neste momento podemos ver que Jane, apesar de ainda ser muito jovem, consegue questionar o seu lugar e seu valor no mundo, pois ela sente-se injustiçada em relação a tudo o que faziam para ela naquela casa. O fato de Jane fazer esses questionamentos mostra que sua atitude é incomum às mulheres de sua época, ainda mais mulheres tão jovens, pois ela não se deixa reprimir, mas busca uma explicação para tudo aquilo. Com isso, por um momento, Jane enfrenta sua tia e mostra pela primeira vez voz ativa, sentindo o sabor da vingança, marcando uma libertação emocional:

— [...] Sinto-me satisfeita por não ser sua parenta. Enquanto for viva nunca mais chamarei você de tia. Quando crescer, não a visitarei nunca. [...]
— Você tem coragem de dizer isto, Jane Eyre?
— Tenho coragem, senhora Reed! Tenho coragem! Porque é a *verdade*. A senhora pensa que sou insensível, pensa que posso viver sem uma migalha de amor e de carinho. Mas não, não posso viver assim; e a senhora não tem pena. [...] Mal terminei essa resposta, minha alma começou a se expandir, a exultar, na mais extraordinária sensação de independência e de triunfo que jamais experimentei [...]. Provara pela primeira vez o sabor da vingança; era o de um vinho perfumado, tépido, gostoso (BRONTË, [s.d.], pp. 30-31, grifo nosso).

Jane, apesar de ser uma menina pobre e órfã, comprova através dessa sua atitude que é capaz de se defender sozinha, porque ela não tinha pai e mãe, mesmo assim, esta menina tem voz ativa em um momento histórico em que a mulher era silenciada por toda a sociedade. A protagonista não é colocada em uma posição eternamente vitimizada, como era comum em muitas personagens em sua mesma posição, a de mulheres, órfãs, pobres.

Enviada a um orfanato, aprende a se tornar uma governanta e decide, ao completar 18 anos, procurar emprego. Ela apresenta um caráter surpreendente, cansada da sua vida fechada e estabilizada dentro da instituição Lowood, decide buscar novos caminhos para sua vida, almejando um novo lugar para morar e trabalhar, e para conhecer novas pessoas, lutando pela sua independência, esses eram seus desejos:

[...] Não me correspondera com o mundo exterior. Regulamentos escolares, disciplina escolar, hábitos escolares e estudos, e vozes, e caras, e frases de preferências e antipatias: eis o que eu conhecia da vida. E agora sentia que não bastava. Nesta tarde, cansei-me da rotina de oito anos. Quis liberdade, ansiei por liberdade. Por liberdade, murmurei uma prece — e tive a sensação de que ela se desfazia ao vento que soprava lânguido. Abandonei-a e construí uma súplica humilde: pedindo mudança, pedindo estímulo. E também esta súplica me pareceu fundir-se no espaço vago.
— Então — bradei, meio desesperada — dai-me pelo menos uma servidão diferente (BRONTË, [s.d.], p. 62, grifo nosso).

Esse momento de reflexão de Jane é um ponto culminante no livro, é um contraste entre liberdade e servidão, pois ao usar a palavra “servidão” vemos que Jane ao mesmo tempo em que anseia por sua liberdade, se vê também como serva, isto é, um mero objeto na sociedade. Notamos o desespero dessa personagem em buscar uma “servidão” e um objetivo diferente que contribuísse para a sua vida, pelo fato dela ter crescido sozinha no mundo, busca seus objetivos como pode, mas apesar de tudo isso, sabe que por viver dentro de uma sociedade em que a desigualdade entre homens e mulheres é institucionalizada, sempre vai ser vista como serva e aceita isso no seu íntimo, embora não queira demonstrá-lo de forma explícita.

Ela consegue um emprego de governanta e professora na casa de Mr. Rochester em Thornfield, onde ensina Adèle, filha de uma dançarina francesa com quem Mr. Rochester se envolveu e que por ter sido abandonada por sua mãe é a “protegida” de Mr. Rochester. Na casa de Mr. Rochester, Jane vive experiências até então desconhecidas para ela, criando uma afeição pela família, e principalmente por seu patrão Mr. Rochester.

Durante o tempo em que Jane permanece na casa de Mr. Rochester, ela oscila em vários momentos o seu comportamento entre objeto e sujeito. Trazendo para dentro da análise a ideia da teórica Showalter (1985) em relação às fases do feminismo, vemos que esta personagem se enquadra dentro de duas fases desse movimento, já que seu

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

comportamento oscila. Primeiramente, o foco do romance está apontado para a *fase feminina*, isto é, Jane, apesar de possuir certa independência, refletida em seu trabalho como governanta e professora, também tem o desejo de ser amada e de se casar, que é a característica principal da fase feminina, mas Jane traz lampejos da *fase feminista*, pois ela não quer ser inferior às pessoas e principalmente ao seu patrão, defendendo os seus direitos como pessoa e apresentando independência por possuir um trabalho.

Ao conhecer Mr. Rochester, Jane descreve-o de forma natural, colocando seu ponto de vista em relação à aparência e às características de seu patrão. Em uma das conversas entre os dois, Jane consegue se impor e cria voz para responder às indelicadezas de Rochester:

[...] — Então, antes de tudo, concorde comigo em que tenho o direito de ser um pouco imperioso e brusco. Talvez até implicante algumas vezes, nos terrenos em que domino; concorde, principalmente, que tenho idade para ser seu pai, e que conheci muitos povos de muitas nações e viajei por metade do globo, enquanto você tem vivido tranquilamente com um grupinho de gente numa casa. Concorda?

— Como quiser, senhor.

— Isso não é resposta! Ou melhor: é uma resposta muito irritante, porque muito evasiva. Responda francamente.

— Não acho que o senhor, só porque é mais velho e tem visto mais mundo do que eu, tenha o direito de me governar. A sua autoridade depende do uso que o senhor tenha feito do seu tempo e da sua experiência. [...] (BRONTË, [s.d.], p. 94).

Vemos que Jane não se deixa emudecer por este homem que está recém conhecendo, mostrando claramente a sua personalidade e firmando-se como sujeito na situação. Contudo, Jane cria um amor “platônico” (até certo ponto) por Mr. Rochester e é neste momento em que esta heroína começa uma luta dentro de si quanto a esse novo sentimento que estava conhecendo e ao mesmo tempo o anseio por sua liberdade. Primeiramente, ela questiona seus sentimentos e faz o seu próprio julgamento:

[...] — *Tu*, favorita de Mr. Rochester? *Tu*, capaz de agradar-lhe? [...] Vai-te! Tua insensatez me irrita! [...] Ficaste lembrando a cena da última noite, hein? Cobre a cara, envergonhada! Ele disse qualquer coisa em louvor dos teus olhos, não foi? Cadelinha cega! Abre estes olhos remelentos e vê tua insensatez enorme! Nenhuma mulher deve envaidecer porque um superior talvez queira se casar com ela. Nem deve alimentar secretas ambições de amor, porque elas, quando não contidas ou reveladas, arruinam a vida que as alimenta [...]. Por isso,

Jane Eyre, ouve a tua sentença; amanhã, coloca-te diante do espelho e desenha o teu próprio retrato. Desenha-o minuciosamente sem suavizar um defeito, sem omitir uma linha dura, sem desprezar uma desproporção. E escreve nele esta legenda: “Retrato de uma Governanta, sozinha, pobre e simplória” (BRONTË, [s.d.], p. 112).

Esta passagem mostra um momento de oscilação no comportamento de Jane, pois aqui ela se torna um mero objeto, desvalorizando-se e inferiorizando-se. Por estar apaixonada por Mr. Rochester, Jane fica vulnerável às situações, isto é, passa a ser uma moça frágil por causa dos seus sentimentos. Após toda a resistência de Jane sobre esse novo sentimento que florescia dentro de si, deixa-se contrabalancear, entrando em contradição sobre seus pensamentos. Vemos isso em uma discussão entre Jane e Mr. Rochester:

— Jane, acalme-se. Não se agite assim, como um pássaro selvagem, frenético, que se depeña de desespero.

— Não sou um pássaro. Não estou presa em nenhuma gaiola. Sou um livre ser humano, com uma vontade independente, a vontade que agora me ordena deixá-lo.

[...] — Minha esposa está aqui! — exclamou apertando-me de novo — porque aqui é que estão a minha igual e a minha eleita! Jane, quer casar-se comigo?

[...] — Então, senhor, eu quero me casar com o senhor! (BRONTË, [s.d.], pp. 177-178).

Notamos que Jane entra em contradição sobre seus princípios, ao mesmo tempo em que julga que ele quer prendê-la, igualmente às convenções sociais que tentavam enjaulá-la em suas regras, ela aceita seu pedido de casamento. Apesar de sempre ter mantido os seus princípios de liberdade e independência como foco principal na sua trajetória de vida, Jane aceita casar-se, embora soubesse o que a esperava dali em diante. Esta passagem mostra novamente as oscilações e os lampejos de Jane da *fase feminina* para a *fase feminista*.

Com o passar do tempo, Jane e Mr. Rochester assumem o amor que sentem um pelo outro, tornando-se noivos. Jane mostra-se uma mulher-sujeito ao recusar o dinheiro, as roupas novas e as joias que o seu amado oferece, deixando clara a sua condição de mulher independente e futura esposa. Jane diz:

— Eu desejo apenas uma consciência limpa, senhor. Uma consciência não humilhada por favores degradantes [...]. Prefiro continuar ganhando

como governanta de Adèle: assim ganharei meu sustento e meu teto e, além disso, trinta libras por ano. Quero eu mesma fazer o meu enxoval, com o meu dinheiro. E o senhor não precisa me dar coisa alguma além... (BRONTË, [s.d.], p. 189).

Jane, ao recusar esse “luxo” que nunca teve e agora poderia ter, traz duas questões que ajudam a caracterizar o seu caráter: além de mostrar que possui seus próprios princípios em relação à vida e ao casamento, ela também não quer ser submissa e nem dependente do seu marido, pelo contrário, faz questão de continuar ganhando o seu próprio dinheiro e sustentando-se com o seu trabalho, o que para o feminismo significa um grande avanço no pensamento dessa mulher, que quer libertar-se de todos aqueles estereótipos criados sobre as mulheres, mostrando a sua capacidade de conquistar seus objetivos por mérito próprio.

No dia do seu casamento, Jane descobre que Mr. Rochester era casado, e que sua esposa, por apresentar problemas mentais, vivia trancada na casa dele. Jane rejeita casar-se com ele, pois não aceita a condição de amante para a sua vida, fugindo da casa e da vida do seu amado, voltando a ser uma pessoa solitária, porém independente: “Jane Eyre, que fora uma mulher ardente e anelante — quase uma esposa — era de novo uma criatura fria e solitária. A sua vida continuava apagada e suas perspectivas desoladas.” (BRONTË, p. 206). Este trecho é muito significativo, pois mostra mais uma vez Jane colocando-se na posição de objeto, pode-se notar isso no momento em que diz voltar a ser uma “criatura fria e solitária”. Apesar de muitas atitudes dessa personagem serem consideradas avançadas, à frente do seu tempo, ela deixa evidente que para ser uma mulher “ardente e anelante” precisaria ter um amor, isto é, coloca-se na posição de mulher que para ser feliz precisa de um homem. Com isso, Jane mostra que ainda tem atitudes que a tornam uma mulher como as de seu tempo, que para ter perspectivas na vida e uma vida não solitária necessita de um marido.

Mr. Rochester é considerado um homem crítico, arrogante e dominador, isso pode ser reflexo dos erros cometidos em seu passado. O fato desse personagem trancar sua esposa em sua própria casa, serve, de modo indireto para Jane, como uma forma de alerta para mostrar aquela sociedade estritamente fechada em suas regras e costumes, mostrando que apesar do verdadeiro amor que Mr. Rochester sentia por ela, ele poderia “trancá-la”

(metaforicamente ou não) através do matrimônio, assim como ocorreu com sua esposa legítima. Rochester diz:

[...] E quando eu a tiver empolgado alegremente, para ser minha para sempre, hei de amarrá-la a uma corrente como esta. (E mostrou a cadeia do relógio). Pois é, minha querida pessoinha! Amarrá-la como uma jóia que eu pudesse perder! (BRONTË, [s.d.], p. 189).

Assim como essa citação, há outros momentos em que Rochester usa expressões dominantes sobre Jane, evidenciando um desejo de “propriedade” sobre ela. Com isso, Rochester apenas aparenta ser um homem sensato e de morais corretas, mas na verdade, quem realmente mostra uma verdadeira moral e sensatez é Jane, que recusa casar-se com um homem casado:

[...] Você será minha esposa. Não sou casado. Virtual e nominalmente, você será a senhora Rochester. E enquanto vivermos serei só seu. [...] Nem pense que eu queria atraí-la para o erro — torná-la minha amante. Por que é que está sacudindo a cabeça? Jane, é preciso ser razoável. Senão, ficarei mesmo zangado.

Havia tremores na sua voz e nas suas mãos. Premiam-lhe as narinas dilatadas, e os seus olhos coruscavam. Apesar disto, ousei falar:

— Mr. Rochester, a sua esposa está viva. Este é um fato que o senhor reconheceu hoje pela manhã. Se eu ficar com o senhor como é do seu desejo, serei afinal de contas sua amante. Fala de outro modo é sofisma, e é falso (BRONTË, [s.d.], p. 212, grifo nosso).

É notória a tentativa de Rochester convencer Jane a fazer algo que ele quer, mesmo sendo uma atitude equivocada. Mas Jane opta por seguir seus princípios e valores, que também são os princípios moralistas de uma sociedade que a condenaria se ela se torasse amante de um homem casado. Mesmo sofrendo, ela rejeita casar-se com ele, deixando o amor de lado e seguindo a razão, assumindo seu papel de sujeito. Ao mesmo tempo, isso é sinal de que ela é objeto, pois está seguindo regras sociais que condenariam uma mulher que ousasse ter um relacionamento com um homem casado. Jane vai contra a sociedade ao mostrar que não depende de ninguém, principalmente de um marido para poder sobreviver, resultando na sua sobrevivência por conta própria.

Novamente será possível notar oscilações no comportamento de Jane quanto ao casamento e a luta pela independência, mostrando um querer libertar-se e ao mesmo tempo um desejo de se entregar a um homem. Podemos ver isso em um momento da

narrativa em que Jane é pedida em casamento por John (seu primo) e ela imagina-se casada:

[...] E imaginei-me *sua mulher*... Oh, nunca! Como discípula, ajudante, tudo iria bem. [...] De certo, vivendo em tais circunstâncias, teria que sofrer. Meu corpo penaria sob um domínio massacrante. Meu coração, porém, e meu espírito, permaneceriam independentes. Eu possuiria o meu mundo, para o qual poderia me voltar, meus pensamentos sem peias, com os quais poderia me entreter nas horas de solitude. Haveria na minha alma um recanto só meu, no qual ele jamais penetraria. E aí me fora possível conservar os meus sentimentos, florindo frescos e abrigados, sem que a sua austeridade os crestasse e os seus passos de conquistador os esmagasse. Mas, como esposa — sempre ao seu lado, contida sempre, sempre oprimida — forçada a manter baixa a flama do meu ser, obrigando-o a se estiolar sem emitir um grito sequer enquanto a chama prisioneira lhe consumisse as fibras, uma por uma — seria inaturável. [...] Em suma, como homem, ele gostaria de me obrigar à obediência (BRONTË, [s.d.], pp. 282-283).

Esta citação comprova que a busca de Jane por sua autoafirmação é contrabalanceada pelo sentimento de viver submetida a um homem, ocorrendo uma luta entre querer servi-lo ou servir a si mesma. Jane pensa desse modo ao imaginar-se casada com um homem que não ama, contudo, esse pensamento se valida também para Mr. Rochester, pois mesmo amando-o não teria mais coragem de se casar, pois não deseja viver presa e limitada ao casamento. Neste ponto, situando novamente essa personagem no mundo literário, vemos que ela se difere de muitas outras personagens dos romances de sua época, pois podemos observar que Jane tem atitudes consideradas à frente do seu tempo, se diferenciando da maioria daquelas mulheres que vivem na era vitoriana, onde o patriarcalismo ainda era bastante dominante e os costumes impostos pela sociedade eram muito fortes.

Ao longo do romance, Jane nunca possuiu um “teto todo seu”, por isso, apesar de todas as suas atitudes e pensamentos, continua sendo subordinada, mas esta personagem sempre foi muito questionadora, tornando-se sujeito de muitas das suas ações. Com isso, ela oscila entre ser objeto e sujeito, apesar disso, Jane sempre quis ser vista como uma mulher livre, que podia decidir sozinha suas próprias escolhas, rejeitando ser um objeto passivo e manipulável.

Já discutimos aqui que Beauvoir mostra em seu ensaio que para a mulher ser autora de suas próprias escolhas, ela primeiro precisa tornar-se sujeito, e é isso que Jane faz até certo ponto da obra, ela se firma como sujeito forte e inteligente, impondo-se em uma sociedade exclusiva aos homens.

No entanto, apesar de toda essa liberdade e independência conquistada por Jane, ela também se deixa submeter em vários momentos na obra. E o final desta personagem no romance é muito simbólico, pois, analisando-o socialmente, vemos que Jane aceita adequar-se aos valores e padrões de uma sociedade patriarcal, pois ela casa-se com Mr. Rochester, dedicando agora todo o seu tempo para cuidar dele (porque ele estava cego) voltando a ser um objeto igualmente na sua infância.

Tenho agora dez anos de casada. Sei o que é viver inteiramente com e para o que mais ama na terra. Considero-me feliz — mais feliz do que a linguagem pode exprimir, porque sou a vida do meu marido, tanto quanto ele é a minha vida. Nenhuma mulher se integrou mais no seu esposo do que eu: fiz-me, cada vez mais, osso do seu osso e a carne de sua carne. [...] (BRONTË, [s.d.], p. 312).

Esta passagem no final do livro mostra o típico “final feliz” desta fase, neste caso, Jane talvez se tenha entregado totalmente ao casamento pois ela sempre teve o desejo de ser amada, o que se concretiza apenas no final. O seu trabalho agora gira em torno de cuidar de Mr. Rochester, que por estar cego fica dependente de Jane, com isso, ela deixa de ganhar o seu próprio dinheiro, para dedicar-se totalmente ao seu amado.

Portanto, Charlotte Brontë traz para dentro desta obra a mulher que atua na sociedade como um ser capaz de enfrentar certos padrões e estereótipos. As atitudes dessa personagem são comuns na fase feminista, por possuir pensamentos e atitudes próprias que vão à frente do seu tempo, com isso, aborda temas como a independência da mulher, liberdade e direitos iguais, mas, ao mesmo tempo, esta autora explana temas como o amor, a submissão, e os anseios da mulher que deseja se casar, e, ao fazer isto, ela enquadra também esta personagem dentro da fase feminina (que é a fase principal de Jane), pois estes últimos temas são comuns nessa fase.

3. Considerações finais

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. ISSN 2594-8806

De início, foi feita neste trabalho uma revisão bibliográfica em teorias sobre o movimento feminista e sobre a crítica feminista na literatura, em seguida, foi analisada uma personagem feminina a partir das teorias estudadas. É possível reconhecer que a mulher, apesar de ter sido considerada por muito tempo um ser oprimido, se destacou por suas lutas ao longo da sua trajetória, na realização de direitos como: trabalhar, votar, e se mostrar igual ao homem, além disso, até hoje, ela busca por completo seu espaço no âmbito social, político e cultural.

Deste modo, o objetivo do presente artigo foi analisar a condição da mulher como objeto e sujeito dentro da obra *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, mostrando os fatores que contribuíram para a manifestação desta personagem tanto como um mero objeto, assim como um indivíduo-sujeito, participante e atuante em sua sociedade, buscando obter a igualdade de direitos e escolhas igual ao sexo oposto.

A partir da análise, foi possível alcançar o objetivo proposto neste trabalho, pois se notou que a personagem analisada se coloca na condição de uma mulher ora objeto ora sujeito. Para isso, foi necessário observar as condições que levaram essa personagem a ser classificada desse modo, com isso, analisaram-se as condições e o ambiente que rodeiam esta mulher, bem como a sociedade de sua época juntamente com suas regras sociais, assim chegou-se à conclusão de que esta personagem encaixa-se em duas fases do feminismo literário, isto é, a fase feminina e a fase feminista, oscilando entre essas fases, saindo em vários momentos da submissão e da condição de mulher apaixonada, para a fase da mulher decidida e independente, mas que ao final do romance volta novamente para a sua fase principal, a de mulher-esposa.

Esta obra abre caminhos para outras possíveis análises, pois é possível analisar as simbologias do romance, o romance entre Jane e Rochester e seus obstáculos, bem como o drama que envolve o romance, além do fato de este marido manter sua primeira esposa trancada em um quarto por ela ter problemas mentais.

4. Referências Bibliográficas

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. **ISSN 2594-8806**

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 1. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980a.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980b.

BONNICI, Tomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Trad. Sodrê Viana. Ediouro, [s.d]

MICHEL, Andrée. **O feminismo: uma abordagem histórica**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1982.

O'BRIEN, Kate. **The Romance of English Literature**. New York: Adprint Limited London, 1944.

THORNLEY, G. C. **An Outline of English Literature**. London: Longman Background Books, 1971.

WOOLF, Virginia. **A Room of One's Own**. London: Penguin Classics, 2000.

ZOLIN, Lúcia Osana. "Crítica Feminista". In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003a. pp. 161-182.

ZOLIN, Lúcia Osana. "Literatura de autoria feminina". In BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: Eduem, 2003b. pp. 253. 260.

Recebido: 20/11/2019. Aceito:20/5/2020.

Sobre autora e contato:

Elis Regina Fernandes Alves

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Docente da Universidade Federal do Amazonas, Campus "Vale do Rio Madeira", IEAA- Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente.

E-mail: elisregi@hotmail.com